Cultura e Vida

Henrique Vieira Filho

Poupem o Pop

Sem circunstância, nem pompa, não pouparam o pop e o espaço, em tese, público, que ocupavam, indisponibilizou: para a cultura, nada de pagar hora extra...

Privados do que é público, partiram para o que é privado: o Clube de Cultura Pop pousou aqui na Residência Artística, reunindo o povo e tendo o recente Dia do Desenhista como pauta da vez.

Todo Clube de Cultura Pop é de grande importância social, conectando pessoas que compartilham interesses e paixões sobre as mais diversas manifestações artísticas: quadrinhos, filmes, músicas, séries, "games", moda, comportamento e uma infinidade de outros tópicos.

Fiquei muito feliz com a presença desse grupo de "jovens de todas as idades" e com os mais diversos biotipos (altos, baixos, esbeltos, corpulentos...) e gêneros, em total harmonia e descontração.

Aproveitei a oportunidade para contar sobre um serrano centenário, meu tio Ary Vieira, que tão importante quanto ter sido soldado na Guerra Mundial, foi um grande artista com tinta nanquim!

Mostrei, orgulhosamente, seu belíssimo diploma ricamente emoldurado, concedendo o título de "desenhista de propaganda".

Aparentemente, as escolas modernas não dão o mesmo valor à arte de desenhar, quanto antigamente.

***Zé do Caixão,** por Henrique Vieira Filho*

E olhe que se trata de uma atividade que, além de lúdica, exercita a imaginação, a coordenação motora, a interpretação do mundo e ainda por cima é terapêutica!

Eu mesmo, quando criança, só encontrava paz interior ao imitar os desenhos à nanquim do meu tio e do meu irmão, o serráqueo (mora nesta cidade faz décadas!) Herivelto.

Saudosista, resolvi ressuscitar meus "bicos de pena" para a ocasião e salvar dois coelhos com uma só cajadada no caçador: faz tempo que estava devendo uma ilustração do meu antigo vizinho (José Mojica Marins) e pai de uma de minhas mais queridas amigas (Liz Marins), que fará uma exposição de artes sobre seus personagens mais icônicos: Zé do Caixão e Liz Vamp!

Assim que comecei, a sensação não foi a esperada: percebi que não tenho mais paciência para desenhar à nanquim! Tive que "apelar" para tinta acrílica e lápis, que fluem mais rápido!

E antes que alguém estranhe a importância do homenageado, saiba que ele é cultuado em todo o mundo, em igualdade com Vincent Price, Boris Karloff, Peter Cushing e Christopher Lee, todos muito, mas muito, POPs mesmo!

Articulando

O portal do tempo

Chegada dos pracinhas à Serra Negra, em 1945 | Arquivo: Nestor Leme

Na tarde do domingo, dia 8 de setembro do ano de 1966, eu estava vendo televisão, esperando chegar a hora do futebol, num tempo que só eram sintonizados dois canais de TV em Serra Negra: a Record, Canal 7, que exibiria o futebol, e a TV Excelsior, Canal 9, que fazia concorrência à outra. Bem, eu não lembro o que era exibido na Record, mas lembro que na Excelsior iria estrear uma série de ficção científica intitulada Star Trek, Jornada nas Estrelas, em português. E eu, que gosto deste estilo de filme, me acomodei no sofá para assistir à estreia da ficção. Confesso que fiquei apaixonado pela série e, com certeza, assisti todos 79 episódios exibidos. Mas de todos os episódios assistidos, tem um que se destaca nas minhas lembranças. Neste episódio, a nave espacial Interprise, chega a um planeta distante e encontra um Portal do Tempo, no qual, os exploradores espaciais, ao se aproximarem dele, tem a visão da projeção da história do nosso planeta, desde sua formação até o tempo em que a série estava representando, ou seja, eles estavam no ano 2360 D. C. mais ou menos. E sabem por que aquele assunto me interessou? Porque, assim como eu, penso que a maioria das pessoas fica imaginando um meio de reviverem toda a sua história, viajando através do tempo. E o interessante desta história, é que, sem que prestemos a atenção, estamos sempre fazendo este retorno ao passado, quando remexemos nas lembranças acumuladas em nossa memória. Eu não faço outra coisa, senão viajar no tempo à procura de assunto para os meus escritos, e isto acontece desde que acordo e fico no escuro, esperando chegar a hora de me levantar.

E quando isso acontece, vou o mais longe que minhas lembranças possam me levar. Assim, me vejo no colo da saudosa Tia Chicha, irmã de minha mãe, e estamos na Praça João Zelante, que era Barão do Rio Branco, em 1945. E nós, assim como todo o povo presente no local, estamos assistindo a chegada dos pracinhas serranos, que estavam de volta à casa, depois da vitória contra o nazismo na Segunda Guerra Mundial. E por que aquele acontecimento marcou tanto na minha memória infantil?

Aconteceu que um dos pracinhas serranos, ficou retido em São Paulo, onde cumpriria quarentena, e por isso, não voltou com seus companheiros para Serra Negra. Sua mãe, ansiosa a espera de sua volta, não ouvindo o nome do filho ser anunciado junto com os que retornaram, deu um grito de desespero e desmaiou ao nosso lado. Fato que ficou gravado na memória de uma criança de apenas três anos de idade. E esta, é a primeira lembrança, gravada no Portal do Tempo de minha memória.

Depois, acelero a projeção das lembranças e chego ao dia 16 de fevereiro de 1950, e já estou na classe da saudosa mestra Dona Arminda Zelante, junto de amigos, com os quais, a cada encontro, lembramos com alegria daqueles tempos felizes.

O tempo de escola acabou, chegou o tempo de trabalhar, que durou quarenta e três anos, desde que entrei como ajudante, na fábrica de artesanato do Noca Rodrigues, em 1957, até o dia 4 de novembro de 2002, quando finalmente me aposentei, tempos de onde vem a maioria das minhas memórias, onde consegui milhares de amigos, me casei com a Alice, nasceram filhos, netos e onde consegui este espaço jornalístico e vi serem publicadas centenas de passagens de nossas histórias que escrevi. Passagens que um dia devem virar um livro no qual todos possam fazer sua viagem através dos tempos, e relembrarem das histórias de suas vidas, como se estivéssemos diante da projeção de um Portal do Tempo.

Inspiração e expiração

Ah, como respirar é importante e nunca pensamos nisso! Sem ar não somos nada. Em tempos antigos ninguém falava em Ioga e outras culturas que hoje fazem parte de nosso dia a dia, ainda que a Ioga seja muito antiga no oriente, ela só começou a existir em nosso mundo com mais frequência no século XX. A Ioga tem sempre essa preocupação com a respiração em busca do bem-estar físico, mental e espiritual. Mas, respirar é bem mais do que um ato físico, é um sopro divino que nos anima. Passamos a vida "inspirando e expirando".

Através da inspiração, somos levados a lugares desconhecidos, explorando os mistérios da imaginação. Quando eu falo inspiração, posso falar da respiração ou da inspiração artística. Os artistas podem se inspirar para uma palavra escrita ou para uma pincelada no papel que traz nossa verdade. Nesse vai e vem, vamos encontrando muita alegria, trazendo para a obra aquilo que estava em nossa mente.

E, entre inspirar e expirar, entre a criação e a vida, a inspiração da respiração e a inspiração artística, vamos vivendo em busca do significado da existência e aproveitando a magia do viver. Cada momento é uma oportunidade para criar e viver plenamente nesse eterno ciclo de inspiração e expiração. A criação tem seus altos e baixos assim como a saúde. Só percebemos a falta que nos faz a respiração quando falta o ar. Quanta gente que presenciei com falta de ar, fosse por enfisema, asma, obstrução nasal ou outros. Se você respira bem, levante as mãos para os céus e agradeça essa dádiva. Pois só assim você consegue inspirar e expirar. Sem ar, ninguém consegue fazer nada. A ausência do ar se torna imediatamente evidente quando nos vemos privados dela. É a presença invisível que dá vida ao nosso corpo, permitindo-nos existir e prosperar neste mundo. Quando nos falta, por qualquer motivo, externo ou interno, sentimos uma sensação de urgência que nos lembra de como esse tal elemento básico (O2), nos é essencial.

É nos momentos de escassez de ar que percebemos verdadeiramente sua importância e como ele junta a vida à energia e à vitalidade em nós, e nos leva a valorizar cada respiração como um presente precioso.

Precisamos nos lembrar desse sopro divino que nos preenche e sentir quanta magia existe no dia a dia, nas coisas mais simples e naturais como o respirar.

Poupem o Pop

Sem circunstância, nem pompa, não pouparam o pop e o espaço, em tese, público, que ocupavam, indisponibilizou: para a cultura, nada de pagar hora extra...

Privados do que é público, partiram para o que é privado: o Clube de Cultura Pop pousou aqui na Residência Artística, reunindo o povo e tendo o recente Dia do Desenhista como pauta da vez.

Todo Clube de Cultura Pop é de grande importância social, conectando pessoas que compartilham interesses e paixões sobre as mais diversas manifestações artísticas: quadrinhos, filmes, músicas, séries, "games", moda, comportamento e uma infinidade de outros tópicos.

Fiquei muito feliz com a presença desse grupo de "jovens de todas as idades" e com os mais diversos biotipos (altos, baixos, esbeltos, corpulentos...) e gêneros, em total harmonia e descontração.

Aproveitei a oportunidade para contar sobre um serrano centenário, meu tio Ary Vieira, que tão importante quanto ter sido soldado na Guerra Mundial, foi um grande artista com tinta nanquim!

Mostrei, orgulhosamente, seu belíssimo diploma ricamente emoldurado, concedendo o título de "desenhista de propaganda".

Aparentemente, as escolas modernas não dão o mesmo valor à arte de desenhar, quanto antigamente.

Zé do Caixão, por Henrique Vieira Filho

E olhe que se trata de uma atividade que, além de lúdica, exercita a imaginação, a coordenação motora, a interpretação do mundo e ainda por cima é terapêutica!

Eu mesmo, quando criança, só encontrava paz interior ao imitar os desenhos à nanquim do meu tio e do meu irmão, o serráqueo (mora nesta cidade faz décadas!) Herivelto.

Saudosista, resolvi ressuscitar meus "bicos de pena" para a ocasião e salvar dois coelhos com uma só cajadada no caçador: faz tempo que estava devendo uma ilustração do meu antigo vizinho (José Mojica Marins) e pai de uma de minhas mais queridas amigas (Liz Marins), que fará uma exposição de artes sobre seus personagens mais icônicos: Zé do Caixão e Liz Vamp!

Assim que comecei, a sensação não foi a esperada: percebi que não tenho mais paciência para desenhar à nanquim! Tive que "apelar" para tinta acrílica e lápis, que fluem mais rápido!

E antes que alguém estranhe a importância do homenageado, saiba que ele é cultuado em todo o mundo, em igualdade com Vincent Price, Boris Karloff, Peter Cushing e Christopher Lee, todos muito, mas muito, POPs mesmo!